

O desvelar da cultura por meio da linguagem da arte

Janete Carniel da Silva*

Resumo

O artigo é resultado de um projeto de pesquisa-ação, com caráter etnográfico, realizado com educandos do ensino fundamental da rede pública, do município de São Miguel do Oeste, SC. Apresenta reflexões sobre a seguinte temática: a estética do cotidiano no resgate da cultura rural na educação básica, ou seja, o foco principal do estudo esteve centrado na importância da arte-educação no sentido de despertar o educando para a percepção e valorização do seu universo cultural e estético. A sociedade pós-moderna vem provocando mudanças fundamentais no convívio social; o materialismo, o racionalismo e a fragmentação são fatores determinantes na vida cotidiana das pessoas. Os adolescentes estão cada vez mais voltados para os meios tecnológicos; o caminhar, o conversar, o comer e o estudar tornam-se algo mecânico, sem sentido. Com base nesse contexto, este estudo volta-se à vivência realizada no contexto da educação escolar, cujo foco está centrado no ensino da arte em uma perspectiva cultural da chita. A arte nesse momento oferece ao educando a possibilidade de resgatar sua totalidade como ser humano. Totalidade esta que envolve as dimensões: afetiva, cognitiva e social, em uma relação integradora de emoção e razão, subjetividade e objetividade, conhecimento e sentimento. Palavras-chave: Arte-educação. Percepção. Valorização. Cultural. Estético. Chita. Totalidade.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada profundamente pelos traços do sistema capitalista. Nesse contexto, priorizam-se questões, como produtividade, lucro, individualidade e competição. O acelerado ritmo da vida moderna fez com que as pessoas deixassem de sentir e dar um sentido à realidade, voltassem para si e deixassem de perceber os prazeres que a visão, a audição, o tato e o olfato proporcionam. O morar, o caminhar, o conversar, o comer e o trabalhar tornaram-se ações mecânicas, sem sentido; como comenta Duarte Junior (2006), o homem não se preocupa mais com a essência das coisas, mas com a sua funcionalidade.

O homem se submeteu ao modo de vida essencialmente industrial de produção e perdeu a relação sensível para com seu entorno. Paralelo a esse quadro ocorre um acelerado processo de globalização, o qual traz aspectos positivos, mas também implica graves problemas, como o anestesiamiento dos sentidos. Aqui surge a importância da arte-educação na educação escolar, a fim de resgatar o contato humano com seu ambiente natural e orgânico.

A vivência artística influencia o modo como o educando aprende, como se comunica e como interpreta as vivências do seu cotidiano. As discussões pontuadas a seguir voltam-se à estética do cotidiano, no contexto da educação em arte e sobre arte,¹ pois aproximar o contexto local e regional na educação escolar torna mais significativo o processo de aprendizagem do aluno.

Esse pensamento norteou a prática, pesquisa-ação com caráter etnográfico, realizada com educandos da 7ª série 2, da Escola Básica Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira, localizada no Bairro Estrela, na cidade de São Miguel do Oeste, SC; conforme as observações e questionário aplicado aos participantes da pesquisa propuseram-se atividades que contemplassem suas necessidades educativas. O processo iniciou com a identificação dos aspectos culturais, econômicos, religiosos e outros. A grande maioria do grupo compreen-

* Graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; jane_artes@yahoo.com.br

dia adolescentes, com diversidade de pensamentos, personalidades, hábitos e modos de vida característicos. Cerca de 33% residem na zona rural; os outros 67%, na urbana; muitos destes últimos, no Bairro Estrela, onde a escola está localizada; os demais, nos bairros próximos.

Constatou-se que os valores dos educandos estão norteados pelos meios de comunicação, como televisão, MSN, orkut e outros. A escola e a família deixam de ser o meio de construção do conhecimento necessário aos valores desejados, pois os meios de comunicação oferecem grande quantidade de produtos industrializados, assim como informações especialmente dirigidas aos adolescentes, com temas normalmente relacionados ao comportamento (música, estilo de vida, esporte, vestuário, comida, estética, lazer).

Diante dos fatores citados, questiona-se: como manter a identidade e a lealdade nas raízes culturais? A globalização produz uma cultura saudável?

Pelas constatações, percebeu-se a necessidade de propor vivências socioeducativas que instigassem os alunos a desenvolver seus sentidos por meio de experiências estéticas, cujo foco ficou centrado no ensino da arte em uma perspectiva cultural da chita.

A arte, nesse contexto, assume um papel importante na formação do adolescente, pois lhe permite entrar em contato com a produção artística e cultural, ou seja, como componente curricular tem como finalidade educar o ser humano, fazendo-o superar a fragmentação produzida pela sociedade capitalista e, também, propicia um novo modo de compreender o mundo contemporâneo.

Em seu cotidiano, o aluno vivencia momentos nos quais acontecem as experiências estéticas. Segundo Richter (2003, p. 20):

[...] a estética do cotidiano subentende, além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõe e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e de transformação.

A educação voltada à estética do cotidiano significa uma proposta educativa que procura valorizar a cultura dos educandos, contribuindo para o crescimento da sua autoestima para a formação de valores e identidade. Também, compreende uma forma de resgatar fazeres que tendem a desaparecer na agitação do dia a dia.

2 BREVE HISTÓRIA DA MODERNIDADE

Na visão de Capra (1982), a história revela que até mais ou menos o século XV havia uma visão de mundo orgânica, as pessoas viviam em uma grande família, tudo era compartilhado, o eu era recessivo e o nós dominante. As pessoas viviam em sociedades circulares; cada coisa tinha seu tempo certo, o tempo era sagrado. O autor reforça que as pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas e vivenciavam a natureza em termos de relação orgânica.

A arte também era uma atividade do cotidiano das pessoas naquela época. Os conhecimentos artísticos eram transmitidos pela tradição familiar. O artesão era considerado um trabalhador habilidoso, pois o objeto único era feito com cuidado, agregando-lhe carinho e afeto.

Do século XV até os dias atuais, Capra (1982) coloca que prevaleceu o paradigma cartesiano-newtoniano, baseado principalmente na Física Clássica, o qual favoreceu o materialismo, o racionalismo e a fragmentação do pensamento humano.

O método de pensamento de Descartes e sua concepção da natureza provocaram mudanças no que diz respeito às alterações na concepção do universo e ocasionou uma perda dos valores relacionados às ciências humanas quanto à natureza, à cultura, ao modo de pensar e agir das pessoas.

Comenta Capra (1982, p. 55) que o método de Descartes “[...] nos ensinou a conhecermos a nós mesmos como egos isolados existentes ‘dentro’ dos nossos corpos; levou-nos a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao do trabalho manual [...]” e, ainda, habilitou grandes indústrias a venderem produtos, especialmente para mulheres, que proporcionam o “corpo ideal.”

A crescente industrialização e a divisão do trabalho também são resultantes dessas alterações. O trabalhador precisa submeter-se a uma alienação característica do trabalho em série, realizando apenas uma pequena etapa do processo de produção, abstendo-se do processo como um todo.

A visão cartesiana gerou a fragmentação característica do pensamento em geral e das disciplinas acadêmicas. Isso fez com que as pessoas iniciassem um processo de análise das coisas em seus componentes cada vez menores, como se essas partes fossem isoladas e independentes.

Capra (1982, p. 56) afirma que “[...] a natureza funcionava de acordo com leis mecânicas, e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes.”

Percebe-se que a fragmentação foi necessária e adequada ao homem para seus estudos, na tentativa de lidar com um volume muito grande de informações provenientes de fatos, fenômenos e objetos, pois lidar com o todo da realidade, de uma só vez, é muito mais difícil.

Contudo, a tendência de o homem dividir a si e o ambiente desencadeou inúmeros fatos negativos: as pessoas, a vida e o espaço vão sendo transformados de algo sentido e vivenciado para algo mecânico e racional. Os valores humanos estão sendo deixados de lado em favor da eficiência, desempenho e produtividade.

Como comenta Duarte Júnior (2001), a crise que acomete o estilo moderno de viver é atribuída ao modelo de conhecimento, originário das esferas científicas (nas quais, deixe-se claro, ele cumpre o seu papel). Tal pensamento nega o contato sensível do ser humano com o mundo, desumanizando o planeta e as relações sociais.

Se por um lado os avanços tecnológicos promovem o desenvolvimento individual, por outro impõem modelos e padrões de vida às pessoas. Os meios midiáticos, jornais, revistas e os produtos de entretenimento em geral são elaborados para informar, educar, aumentar o consumo, modificar os hábitos e têm pretensão de atingir a sociedade como um todo, submetendo a população à massificação coletiva. A pessoa é esmagada pelo volume de informação que recebe, sem que consiga se posicionar de maneira seletiva.

Para Duarte Júnior (2001, p. 70), “[...] o desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis do ser humano se relacionar com a vida.”

Na visão do autor, a cada instante acontecem transformações em todos os setores da vida humana, o que acarreta sua desculturalização, pois o capitalismo acaba por dissolver a durabilidade dos bens. As roupas viraram peças descartáveis, segundo a moda, o gosto infantil, como o dos adultos, pula de novidade em novidade, com crescente rapidez. A mercadoria, ao ser adquirida, perde o encanto.

Duarte Júnior (2001), afirma, também, que o contato com as pessoas se torna cada vez mais raro, as visitas à casa de amigos e a conversa entre vizinhos são substituídas por *e-mails*, acomodando as pessoas dentro de suas casas. Esse avanço tecnológico torna a vida das pessoas cada vez mais padronizada, ou seja, a vida das pessoas e o ambiente cotidiano perdem o sentido de um ambiente acolhedor e familiar.

As relações com o mundo tornam-se cada vez mais mediadas e controladas pelos meios tecnológicos, a mídia é uma das grandes responsáveis por incutir nas pessoas o desejo do consumo exacerbado.

Capra (1990), diretor do documentário *Ponto de Mutação*, aborda a necessidade de se construir uma nova visão de mundo, ante às dificuldades que a sociedade passou a enfrentar com as mudanças ocorridas nesse processo de evolução da história, e destaca que “[...] todos os problemas são fragmentos de uma só crise, uma crise de percepção.” Assim, o autor aponta a percepção inadequada da realidade ou visão de mundo obsoleta como sendo a principal causa dos problemas atuais, como a desculturalização, a padronização da vida e do ambiente cotidiano das pessoas; assim, precisa-se urgentemente de uma mudança radical nas percepções, no pensamento e nos valores das pessoas.

3 O SENTIDO ESTÉTICO DAS ESTAMPAS DA CHITA, CHITINHA E DO CHITÃO QUE EMBELEZARAM PESSOAS E MORADIAS EM MUITAS ÉPOCAS

Há quem se refere à chita como sendo um tecido de algodão parecido com uma tela de trama de fios, outros utilizam o termo para designar as estampas florais com cores vivas.

Como descreve Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005), originalmente, no final do século XV, a estampa de chita era floral e o tecido era puro algodão. Hoje, encontram-se inúmeras estampas diferentes, não apenas com flores, mas com xadrez, listras, bolinhas e outros; e o tecido é de tela mista de algodão com poliéster.

Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005) escrevem a brilhante história da chita, que, segundo os autores, teve seu início em 1498, na Índia, quando Vasco da Gama aportou em Calcutá em 22 de março e encontrou tecidos de algodão estampados. As estampas eram predominantemente florais e desenhos geométricos, porque o Islamismo dominava a cultura local e não permitia representações figurativas.

Os autores salientam que da Índia a chita foi levada para Portugal e se espalhou por países da Europa. O novo tecido provocou grande fascínio aos holandeses, franceses e ingleses, porém os portugueses se interessaram mais por sua comercialização. A chita foi exportada para o Brasil e tornou-se moeda de troca no tráfico de escravos.

Portugal utilizou o termo indiano para designar os tecidos trazidos da Índia, mas, segundo Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005), em seu país de origem, esses panos coloridos eram chamados de *chint*, que significava pinta ou mancha, de *chit* na região meridional, na Holanda chamava-se *sits*, na Inglaterra, *chintz*.

Inúmeros fatos históricos marcantes fazem parte da trajetória da chita pelo mundo. Crises econômicas, acordos políticos, guerras, tratados comerciais, tráfico de escravos, navegações e muito mais, elementos importantes tanto para sua produção e comercialização quanto para sua influência como elemento integrante das culturas locais.

Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005) destacam que a revolução industrial contribuiu fortemente para a revolução têxtil; nesse momento, a Inglaterra saiu na frente, montando o sistema fabril mecanizado, substituindo a força humana pelas máquinas a vapor, a carvão, elétricas e movidas a motor de combustão, maquinários esses que seriam importados pelo Brasil na hora de instalar suas fábricas no final do século XIX. Houve grande dependência brasileira da Inglaterra, e isso trouxe várias consequências na história das chitas.

No Brasil, foram os mineiros que se destacaram na produção de chita. Nas palavras de Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005, p. 67):

A tecelagem se desenvolveu com tamanha eficiência em Minas Gerais que a Coroa portuguesa se sentiu ameaçada, no final do século XVIII. Nessa época, o tingimento com pigmentos naturais e a estamparia de tecidos já eram praticados, mas em pequena escala: surgiam as "avós" da chita brasileira.

Crises internacionais impulsionaram a produção têxtil brasileira, e o algodão produzido aqui era de excelente qualidade.

Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005) argumentam que entre os tantos momentos de instabilidade, pressões, interesses políticos e comerciais o Brasil foi vítima da audaciosa Rainha Dona Maria I, a louca, que temendo a independência brasileira e atendendo às reclamações dos tecelões portugueses pela queda na exportação de seus produtos para o Brasil, expediu o alvará de 5 de janeiro de 1785, exigindo o fechamento de todas as fábricas no Brasil; muitas que não fecharam tiveram os teares queimados.

A chita era conhecida como a roupa do povo, pois era usada principalmente pela classe trabalhadora, ou seja, negros, índios e mestiços; o pano era característico das festas populares, era a vestimenta diária das crianças.

Nos anos 1950, no Brasil, surge o chitão, diz Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005) que somente deu certo e veio à tona na década de 1960. Hoje, o chitão é caracterizado pelas dimensões e as cores de suas estampas florais. Segundo os autores, não se sabe ao certo se o tecido ganhou esse nome por causa de suas estampas ou por causa do seu tamanho, pois até os anos 1960 somente existiam teares com capacidade para produzir tecidos de, no máximo, 90 centímetros de largura, e o chitão chegou a ser produzido, alguns anos depois, com até 190 centímetros.

Nas últimas décadas, o tecido de chita esteve presente em diversos desfiles de moda, estilistas famosos vestem as *top models*, com modelos feitos de chita. Além de aparecer em roupas, cortinas, lençóis e outros artigos do lar, a chita também é utilizada em artesanatos, como brinquedos, bonecos de criança, adereços de festas populares e outros.

As estampas, com suas cores vivas, embelezaram pessoas e moradias em muitas épocas. Para Mellão, Imbroisi e Kubrusly (2005), a má-qualidade do tecido, que já não é mais de puro algodão, como originalmente, e a globalização, que oferece tecidos importados, ou seja, imitações bastante acessíveis para quem quer ter um tecido de luxo e não tem condições financeiras para adquiri-lo, são fatores responsáveis pelo declínio da chita, a qual pode acabar desaparecendo.

4 A ARTE-EDUCAÇÃO E ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Atualmente a realidade tecnológica e consumista faz o indivíduo pensar em uma educação estética, ou seja, pretende-se discutir, na sequência, como a interferência do ensino da arte é imprescindível na educação das crianças e adolescentes.

A arte como componente curricular na educação básica, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), propicia o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, da imaginação, da criatividade e da reflexão do ser humano. Ainda, de acordo com os PCNs, a finalidade da arte está centrada na formação do educando, pois amplia as possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas. Ao entrar em contato com a arte, a criança e o jovem tornam suas relações com o mundo mais significativas, ou seja, a arte propicia a experiência estética por meio do fazer artístico.

Desse modo, a arte tem papel fundamental no currículo escolar, pois desenvolve a sensibilidade do educando. Ela precisa estar presente no ensino, pela necessidade que tem o ser humano de articular a sua sensibilidade, que frui desde o nascimento e que aos poucos se esvazia se não praticada.

Na consideração de Meira (2001, p. 130), “[...] educar a sensibilidade é poder encontrar os meios para identificar e extrair das coisas suas lições. É recolocar a ciência no seu lugar de instrumento da felicidade humana. Antes de explicar, temos que aprender a sentir.”

Educar a sensibilidade significa estimular os sentimentos a se expressarem, a vibrarem ante o que lhes é significativo. O desenvolvimento da consciência estética evolui com o tempo. É um processo ativo de percepção e de interação entre o sujeito e o objeto. O despertar estético é algo que promove sentido à vida de cada pessoa e a torna mais interessante.

Os PCNs (BRASIL, 2001) destacam que apenas um ensino que integra a aprendizagem racional e estética dos alunos pode contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também se maravilhar, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, esforçar-se e alegrar-se com as descobertas.

O ensino da arte na escola precisa preservar essa linha de encantamento do universo estético das crianças, para poder não somente contextualizar o ensino da arte em si, mas também contextualizá-lo em relação ao meio cultural e estético em que as crianças estão inseridas. (RICHTER, 2003, p. 54).

O professor, como mediador da aprendizagem, ou melhor, mediador do educando com as relações sócio-histórico-culturais, tem como desafio provocar a relação do aluno com o mundo, ampliando seu olhar para apreciar o meio no qual está inserido, sua compreensão e sua própria história como ser humano. Acredita-se que pelas dimensões do artístico e do sensível se tem a possibilidade de contribuir para que os alunos façam uma leitura do contexto estético que a cultura oferece.

5 DESVELANDO A CULTURA DA CHITA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL POR MEIO DA ARTE

O desafio da educação estética no contexto escolar tem como foco principal oferecer oportunidades para que os educandos que vivenciam o processo de ensino-aprendizagem possam ir além das disciplinas artísticas e incorporá-las às suas próprias vidas. A partir dessa perspectiva é que a vivência foi pensada. Procurou-

se estabelecer uma relação entre os conteúdos e a vida dos educandos, valorizando o seu universo cultural; desse modo, as propostas foram voltadas à cultura regional, a fim de que os educandos pudessem estabelecer ligações com o conteúdo e sua vivência.

Segundo os ensinamentos de Duarte Junior (1998, p. 59), “[...] educar-se é primeiramente, adquirir a ‘visão de mundo’ da cultura a que se pertence; educar-se diz respeito ao aprendizado dos valores e dos sentimentos que estruturam a comunidade a qual vivemos.” Acredita-se que, quando a educação se fundamenta na realidade existencial dos educandos, a aprendizagem significativa tem maior possibilidade de se efetivar.

Desse modo, objetivou-se estimular o interesse dos educandos para o processo de aprendizagem, levando-os a perceber que o objetivo era trocar conhecimentos para a construção de novos saberes, por meio de propostas sensíveis, no intuito de que percebessem o mundo à sua volta, descobrissem sua essência, sua identidade, enfim, um trabalho holístico.²

Dessa forma, as propostas vivenciadas seguiram os seguintes temas: conhecer e reconhecer a história da chita e sua representação, a partir das flores do cotidiano. As temáticas das propostas centraram-se na estética, ou seja, vivências que permitissem aos educandos desenvolver uma forma especial de se relacionar com o mundo, tornando mais agradável e significativo o processo de aprendizagem.

Primeiramente, propôs-se aos educandos um texto expositivo dialogado sobre a história do tecido de chita, origens, características, como chegou ao Brasil, quem usava, chita na moda e outros.

Durante o texto os alunos interromperam o assunto várias vezes para comentários e perguntas como: “quem usava mais o tecido de chita?” “Nas festas juninas é bastante usado o tecido de chita?” “No carnaval também?” “O que é mamulengo?” “Por que era usado tanto o tecido de chita?” O grupo mostrou-se interessado pelo assunto.

Segundo Meira (2001, p. 123), “[...] a arte cria, irredutivelmente, seus próprios métodos de apreensão, compreensão e reflexão, como extraordinária situação pedagógica e relacional que ela é.” Conforme a autora, as ideias apenas têm valor e sentido para o ser humano quando podem ser articuladas em imagens compreensíveis e quando possibilitam uma interatividade com o mundo.

Foram apresentadas quatro peças de tecido aos educandos, com as seguintes estampas: xadrez, chitinha, flores médias e chitão. Mostrou-se uma lâmina com o mapa do roteiro da chita pelo mundo e a obra *Que chita bacana*, contendo imagens de estampas produzidas em vários países do mundo, vestimenta típica do Nordeste e também artesanatos.

Nesse momento, percebeu-se o encanto em muitos rostos, ao mostrar imagens das festas típicas do Nordeste; Tati lembrou: “No teatro que nós fomos ver esses dias no calçadão, tinha os personagens com as roupas de chita.”

Na pesquisa realizada pelos educandos referente à história da chita em suas famílias, fotos, relatos, objetos, roupas e outros, eles relataram o que segue:

“Minha avó conta que o tecido de chita era o mais usado naquela época, costurava muito, pois fazia parte do sustento da família, o tecido era mole, fino e normalmente desbotava, o chitão era mais usado para fazer capa de colchão e a chitinha era para fazer capas de travesseiros e roupas.” (informação verbal)³.

“A minha mãe usou chita até os treze anos, ela disse que todas as pessoas usavam, também disse que minha avó comprava os tecidos e fazia vestidos, blusinhas, aventais, roupas de bebês, roupa de cama e toalha de mesa.” (informação verbal)⁴.

“Minha mãe usou o tecido de chita, ela disse que o tecido era bem fininho e de baixa qualidade, ela lembra que quando criança fazia bonequinhos de palha de milho e chita. Temos um cobertor de tecido de chita.” (informação verbal)⁵.

Grumberg (2000, p. 165) diz que “[...] reconhecer o passado cultural do qual o cidadão é herdeiro é mais um passo na conquista da sua identidade cultural e na compreensão e consciência do presente.”

Como identificado anteriormente, os educandos têm seus valores voltados para um cenário impregnado pela indústria cultural. Portanto, trabalhar a cultura auxilia no processo de aprendizagem, resgatar a memória, conhecer o que é próprio de cada um, suas características e particularidades, pois esse momento tecnológico invade a vida do aluno, tornando-o cada vez mais individualista, preso às telas de televisão, computador, *videogame*; é preciso retomar o estilo de vida coletivo.

Percebeu-se que o tecido de chita esteve presente no cotidiano dos pais, tios e avós dos educandos, porém esse bem cultural não foi preservado. A maior parte dos educandos não tinha conhecimento do tecido nem sabia que fazia parte da cultura local e do próprio sustento da família.

Seria o capitalismo responsável por essa desculturalização? Retomando o comentário de Diamante Negro, o qual diz que sua mãe quando criança fazia bonequinhos com palha de milho e chita, e relacionando a Ming (2006), a qual salienta que a cada natal as lojas de brinquedos se preparam ansiosas para o ponto culminante das vendas anuais, contratam funcionários, capricham na decoração e preenchem as prateleiras com os objetos de desejo das crianças, percebe-se que a tarefa é cada vez mais difícil; o gosto infantil, como o dos adultos, pula de novidade em novidade, com crescente rapidez. Os brinquedos são recheados de componentes eletrônicos, item essencial para produtos que desejam concorrer com celular, *videogame* e computador. A sofisticação tecnológica ajuda a convencer os pais a adquirir o produto.

A partir disso é que se pode pensar o ensino da arte na escola, um ensino que aproxima o educando de sua origem, de seu cotidiano, da sociedade e de sua cultura. Conforme defende Santos e Ormezzano (2005, p. 15), um ensino que “[...] resgate a subjetividade do ser humano e a humanização da sociedade.”

Desse modo, pensou-se ser significativo ao educando estabelecer uma relação, interagir com o ambiente ao qual convive. Propôs-se a criação de um *design* de superfície, ou seja, uma nova estampa para o tecido de chita a partir das flores cultivadas em seus jardins.

Para instigar os educandos a perceber as flores não como beleza utilitária, mas como algo significativo na vida de cada um, seguiu-se a proposta da obra de Wucius Wong, *Princípios de forma e desenho*, ou seja, desenvolveu-se a proposta em três etapas: análise visual formal das flores, composição: *design* de superfície e a pintura das estampas.

A proposta revelou o universo de cada educando, a maneira particular de visualizar a flor. Alguns conseguiram contemplar a flor atentamente, captando cenas únicas que somente um olhar contemplativo pode enxergar. Gaby, por exemplo, percebeu que estava nascendo algumas folhinhas no meio do miolo da flor.

[...] flor do campo, peguei esta flor porque é bonita, sempre vejo ela, peguei no quintal de casa num vaso, minha mãe que cuida dela. É uma flor pequena, em forma orgânica, é amarela, seu caule tem detalhes de linhas, tem dois caulinhos no caule, está nascendo algumas folhas no meio do miolo, e faltando algumas folhas no lado direito (do lado que estou analisando). A cor da flor amarela faz parte das cores primárias. Suas folhas são macias, e seu caule é meio áspero. O miolo começa meio branco e conforme vai subindo vai ficando amarelo (informação verbal)⁶.

Cury (2007, p. 125) entende que “[...] além da observação atenta, contemplar significa também abrir o leque da inteligência e se colocar embevecidamente diante de um som ou de uma imagem e se deixar encantar, se envolver.”

Percebe-se que os educandos não apreciaram apenas as cores e as formas das flores, mas sentiram-nas de maneira intensa, percebendo que trazem alegria para o lar, que tem alguém que cuida delas com muito cuidado e carinho, deslumbraram-se com a tonalidade das cores, enfim, como fala Cury (2007), aprenderam a tirar das pequenas coisas seus significados e conhecimentos.

Alguns educandos apresentaram dificuldades para desenhar, orientava-se para que percebessem a forma da flor e a composição que poderiam fazer e que deveriam realizar estudos até ser do agrado deles. Instigá-los a pensar, sentir e perceber permite uma reflexão que contribui para que compreendam aquilo que eles vivenciam; conforme Duarte Júnior (2003), o que importa não é o resultado final, e sim o processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo à sua volta. O objetivo do ensino da arte na educação básica é exatamente isso, formar um ser crítico, pensante, que possa expressar aquilo que o inquieta e o preocupa, um espaço para que cada um elabore sua visão de mundo.

Assim, acredita-se que a proposta desenvolvida despertou nos educandos a atenção para sua maneira particular de sentir, como fala Duarte Júnior (2003, p. 66), “[...] encontrando nas formas artísticas simbolizações para os seus sentimentos, os indivíduos ampliam o seu conhecimento de si próprio através da descoberta dos padrões e da natureza do seu sentir.”

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 19) também apontam que:

[...] a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e reconhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e pelas diferentes culturas.

Instigar os educandos a apreciar as formas produzidas pela natureza, a beleza das flores, as quais alegrem os ambientes cotidianos, é uma forma de restabelecer a relação do ser humano com a natureza, a qual foi rompida com o avanço da modernidade. A proposta em arte deve contribuir para que o aluno visualize novas possibilidades para sua vida, não somente produtos industrializados.

6 CONCLUSÃO

A vivência educativa por meio da pesquisa permitiu identificar que a modernidade impulsiona o pensamento racional do ser humano, deixando de lado suas emoções, seu sentir, relegando as várias dimensões do todo humano. Compreender os educandos tanto racionais quanto sensíveis, intuitivos e emocionais é um grande desafio para os educadores. É preciso ir em busca do conhecimento, no desejo de poder transformar a escola em um lugar de alegria, satisfação, a fim de que os educandos possam construir, experimentar, expressar e refletir sobre si e sobre o mundo.

Santos (2001) propõe que cabe a cada um oferecer oportunidades ricas em desafios que sejam adequados às condições afetivas, físicas, sociais e intelectuais dos educandos. Essa maneira de abordar o ensino desafia o professor a apresentar propostas de arte-educação que ofereça ao educando a possibilidade de resgatar sua totalidade como ser humano, a qual envolve várias dimensões: afetiva, cognitiva e social, em uma relação integradora de emoção e razão, afetividade e cognição, subjetividade e objetividade, conhecimento e sentimento.

Concorda-se com Stori (2003, p. 52), quando diz:

[...] se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas salas de aulas e se mostre significativa na vida das crianças e dos jovens.

A experiência realizada deixou claro que é possível e essencial contribuir, como educadoras, para um aprendizado em arte que modifique a relação dos educandos com o seu meio; uma educação que favoreça a autoestima para a formação de valores estéticos e culturais.

Contudo, conclui-se esta reflexão com as palavras de Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 160): “[...] quanto mais o aprendiz tiver a oportunidade de resignificar o mundo por meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora ele terá para formar consciência de si mesmo e do mundo.”

A vivência permitiu visualizar a importância de desvelar aspectos significativos dos educandos, da cultura, enfim, do mundo que os cerca.

Abstract

The article is resulted of a research-action project with character ethnographic, accomplished with students of the fundamental teaching of the Public Net, of the Municipal district of São Miguel of the West, SC. It presents reflections on the following thematic: the aesthetics of the daily in the ransom of the rural culture in the basic education, in other

words, the main focus of the study was centered in the importance of the art education in the sense of waking up the student for the perception and valorization of your cultural and aesthetic universe. The powder-modern society is provoking fundamental changes in the social conviviality; the materialism, the rationalism and the fragmentation are decisive factors in the people's daily life. The adolescents are more and more gone back to the technological ways, walking, talking, the to eat and studying becomes something mechanic, without sense. With base in this context the study above mentioned, goes back to the existence accomplished in the context of the school education, whose focus is centered in the teaching of the art in a cultural perspective of the calico. The art on that moment offers to the student the possibility to rescue your totality while human. Totality this, that involves the dimensions: affective, cognitive and social, in a integrative relationship emotion and reason, subjectivity and objectivity, knowledge and feeling.
Keywords: Art education. Perception. Valorization. Cultural. Aesthetic. Calico. Totality.

Notas explicativas

- ¹ "Considera-se aqui como pesquisa em arte aquela relacionada à criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os componentes de um pensamento visual estruturado. A pesquisa sobre arte é aquela que envolve a análise das obras, reunindo a história da arte, a crítica da arte, as teorias da arte e, ainda, conceitos de outras áreas do saber, utilizados como conceitos instrumentais. O pensamento visual tem, também, que estar presente, norteador a reflexão, sob pena da obra tornar-se mera ilustração de uma idéia." (BRITES; TESSLER, 2002, p. 38)
- ² Tendência, que se supõe seja própria do Universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas. Teoria segundo a qual o homem é um todo indivisível, e que não pode ser explicado pelos seus distintos componentes (físico, psicológico ou psíquico), considerados separadamente; holística.
- ³ Relato fornecido por Ale, referente à pesquisa da chita.
- ⁴ Relato fornecido por Ana, referente à pesquisa da chita.
- ⁵ Relato fornecido por Diamante Negro, referente à pesquisa da chita.
- ⁶ Relato fornecido por Gaby, referente à interação com o ambiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3. ed. Brasília, DF: MEC, 2001.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

CAPRA, Bernt. **Ponto de mutação**. Cannes, 1990. Documentário.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Pensamento, 1982.

CURY, Augusto. **Maria, a maior educadora da história**: os dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus: uma visão da psicologia, psiquiatria e pedagogia sobre a mulher mais famosa e desconhecida da história. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A educação do sensível e a crise contemporânea**. São Miguel do Oeste: Unoesc, 17 ago. 2006.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **O sentido dos sentidos**: a educação do sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

GRUMBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do CEOM**, Argos, ano 14, n. 12, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa F. D.; GUERRA, M. T. T. **Didática do Ensino da Arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, A. D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MELLÃO, Renata; IMBROISI, Renato; KUBRUSLY, Maria Emilia. **Que chita bacana**. São Paulo: A Casa, 2005.

MING, Laura. **Divertimento**: os brinquedos mais pedidos são sofisticados e caros. **Veja**, São Paulo: Ed. Abril, nov. 2006.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SANTOS, Rosângela Salles dos; ORMEZZANO, Graciela. **Para além da geometria na escola**: antigas e novas abordagens. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005.

STORI, Norberto (Org.). **O despertar da sensibilidade na educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.